

O BRASIL DO NEGACIONISMO

Uma análise da disputa entre pós-verdade e ciência

Vagner Gomes Ramalho¹⁷

Resumo

Em meio à maior pandemia dos últimos cem anos e um clima de polarização política que tem como pano de fundo um autoritarismo crescente, o Brasil se vê às voltas em um debate público marcado pela institucionalização do negacionismo; os canais oficiais de comunicação do Estado Brasileiro e os posicionamentos de seus principais representantes minimizam as mortes registradas pelo novo coronavírus, culpam inimigos irrealistas e tentam mascarar a incompetência generalizada da atual gestão federal em lidar com as crises que surgem a cada semana. As ideias negacionistas têm sido maximizadas pela disputa de narrativas desencadeadas pelo fenômeno da pós-verdade. A constante negação em junção ao revisionismo histórico que tem como figura central o próprio presidente da República, toma ares dramáticos em decorrência dos atentados constantes contra a educação e a ciência. O conhecimento científico tem sido apresentado à população como uma narrativa, fundada no interesse de inimigos ocultos. Nesse ínterim, o resgate dos valores iluministas se mostra essencial para a popularização da ciência e a constituição de elementos racionais que sirvam contra os elementos irracionais do debate atual. Nas linhas a seguir, pretendo analisar como o negacionismo brasileiro tem sido potencializado e como representa um perigo para os valores humanistas.

Palavras-chave: negacionismo; pós-verdade; ciência; valores humanistas; valores iluministas.

Abstract

Amid the biggest pandemic of the century and a context of political polarization that has as its background a growing authoritarianism, Brazil finds itself in the midst of a public debate marked by the institutionalization of denialism. The official communication channels of the Brazilian State and the positions of its main representatives minimize the deaths recorded by the new coronavirus, blame unrealistic enemies and try to mask the widespread incompetence of the current federal administration in dealing with the crises that arise each week. The denialists ideas have been maximized by the dispute of narratives triggered by the phenomenon of post-truth. The constant denial in conjunction with the historical revisionism that has as its central figure the President of the Republic himself, takes on dramatic airs as a result of the constant attacks on education and science. Scientific knowledge has been presented to the population as a narrative, founded in the interest of hidden enemies. In the meantime, the rescue of Enlightenment values is essential for the popularization of science and the constitution of rational elements that serve against the irrational elements of the current debate. In the following lines, I intend to analyze how Brazilian denialism has been enhanced and how it represents a danger to Enlightenment values.

Keywords: denialism; post-truth; science; humanistic values; Enlightenment values.

17 Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe/UFS; Professor do Instituto Federal de Alagoas/Ifal; E-mail: vagnergramalho@gmail.com.

Introdução

No início de janeiro de 2020 diversas notícias começaram a aparecer revisitando uma certa “gripe espanhola”¹⁸, informando como essa doença ceifou entre 50 e 100 milhões de vidas num mundo que tinha, no início do séc. XX, por volta de 1,6 bilhões de pessoas, tornando-se uma das pandemias mais mortais da história. Hoje, com uma população planetária que ultrapassa os 7,5 bilhões de pessoas, vivemos a maior crise epidemiológica desde então.

No Brasil do séc. XXI, as medidas políticas de contenção do contágio de COVID-19 por parte do Governo Federal não parecem seguir uma lógica científica (tampouco lógica alguma), uma vez que é explícita a falta de ações consistentes por parte do Poder Executivo Brasileiro. Dentre as características contraintuitivas das medidas adotadas pelo Executivo para lidar com a pandemia de COVID-19, destacam-se as sucessivas trocas no Ministério da Saúde, as deliberadas ações para desinformação da população, a criação de uma guerra ideológica contra inimigos imaginários, sonegação de dados, pouca ou nenhuma transparência no uso de recursos públicos, a insistência no uso de duas drogas pouco conhecidas como forma de prevenção ao novo coronavírus e com uso bastante controverso para o tratamento dos sintomas da doença e, principalmente, o descaso pelas orientações científicas.

Somando-se a isso, as medidas adotadas no Brasil concorrem com cortes nas áreas da educação, ciência e tecnologia, de bolsas de pesquisa nas universidades brasileiras e contínua ameaça de falta de recursos financeiros num país que conta com reservas internacionais que giram em torno de 340 bilhões de dólares.

Passados cerca de cem anos desde a pandemia do início do séc. XX, contamos com mais conhecimento técnico de como as pandemias e os vírus funcionam, o que, em tese, deveria tornar mais fácil compreender as razões pelas quais coisas como o distanciamento social e o uso de máscaras são tão importantes para conter o agravamento da situação. Essa percepção seria mais fácil não fosse um novo surto que se espalha pela população brasileira: o negacionismo, ou seja, o ato de negar fatos, mesmo que estejam amparados em evidências científicas.

O negacionismo tem sido ampliado pela corrente onda de pós-verdade. A pós-verdade traz em si uma tentativa inconsequente de levar o debate científico ao campo das meras

¹⁸ Como ficou conhecido o influenzavírus H1N1.

opiniões, que, embora muitas vezes absolutamente equivocadas, buscam alçar-se ao estatuto de “verdade”.

Nas linhas a seguir, pretendo analisar alguns elementos do discurso negacionista, que têm ganhado características específicas no Brasil. Compreendo que vivemos uma crise na forma como compreendemos a produção de conhecimento e – como característica brasileira – a institucionalização do negacionismo pode ser apontada como um dos maiores causadores desse problema.

Para dar conta da temática proposta, divido o texto em dois momentos; no primeiro, analisarei as características do discurso negacionista e as características próprias do discurso negacionista brasileiro como elementos constituintes da pós-verdade, que tem sido institucionalizado pelo Poder Executivo; no segundo momento, pretendo uma breve revisão dos valores iluministas, para compreender como eles estão em jogo e como, ao mesmo tempo, podem ser uma alternativa para sairmos da crise em que nos encontramos.

Negacionismo e negacionismo à brasileira

No atual contexto do debate público, há um relevante crescimento do interesse pela análise dos discursos das principais personalidades políticas brasileiras, sobretudo em relação ao conjunto expressivamente vago das afirmações negacionistas sobre o conhecimento científico. Esse conjunto deve ser tratado em termos de uma crise institucionalizada, proposital, que visa atacar a razão em geral e a aquisição de conhecimento científico – que serve como fundamento para compreensão da realidade em que vivemos – em particular.

Vejo essa análise como necessária porque o negacionismo científico é algo grave, que colabora com uma visão de mundo deturpada, calcada em preconceitos e generalizações ao absurdo. O negacionismo parte de uma análise superficial do conhecimento científico e tenta se passar como uma crítica despreziosa à autoridade científica, é “a recusa em acreditar em teorias científicas bem justificadas, mesmo quando as evidências são esmagadoras” (MCINTYRE, 2019, n.p.). Como mostra McIntyre, a constante negação não é despreziosa, pelo contrário, carrega em si intenções bem particulares. Segundo ele,

Muitos cientistas têm achado inacreditável que nos últimos anos, suas conclusões sobre temas empíricos estejam sendo questionadas por aqueles que se sentem livres para discordar com base em nada mais do que instinto e ideologia. Isso é irracional e perigoso. O negacionismo sobre a evolução, as mudanças climáticas e as vacinas tem sido despertado nos últimos anos por aqueles que têm interesses econômicos,

religiosos ou políticos em contradizer certos achados científicos. Em vez de apenas desejar que determinados resultados científicos não sejam verdadeiros, esses grupos têm recorrido a uma campanha de relações públicas que tem feito grandes avanços na tarefa de minar a compreensão do público e o respeito pela ciência. Em parte, essa estratégia tem consistido em tentativas de “intimidar a ciência” por meio de financiamentos e promoções de pesquisas questionáveis — que quase nunca estão sujeitas à revisão por pares — a fim de inundar os meios de comunicação com o aparecimento de controvérsias científicas que, de fato, não existem. O resultado tem sido um esforço perigosamente bem-sucedido para subverter a credibilidade da ciência (MCINTYRE, 2019, n.p.).

É meritório perceber que o negacionismo possui pretensões ocultas, que vão além da crítica à atividade científica e ao conhecimento em geral. Saliente-se que criticar a atividade científica e o conhecimento que dela é resultante é algo necessário e tem especial utilidade metodológica, contudo, a crítica dos negacionistas se concentra em exemplos sempre muito específicos e que facilmente mostram-se relacionados a interesses particulares. Há algo de errado quando negar a emergência climática passa a ser especialmente relevante para a indústria de países que registram os maiores números de emissão de gases; de igual modo, negar a pandemia de coronavírus se torna importante apenas para aquelas personalidades políticas que se veem diante da incapacidade técnica de lidar com a situação ou que passaram a usar a necropolítica como ideologia de governo.

Em “A ciência e a estrutura social democrática”, Robert Merton ([1942] 2013) deu destaque ao que ele chamou de “anti-intelectualismo”, que na década de 1940 era vista como algo que ameaçava “tornar-se endêmico”. Esse anti-intelectualismo parece ter sido inflado constantemente de 1940 para cá, colaborando com o que hoje estamos chamando de negacionismo.

Para Merton, a ciência funciona como uma instituição dotada de estrutura cultural e, por isso, é capaz de sofrer com as pressões sociais que lhe são comuns. A atividade científica está no âmbito da ação humana e, portanto, sujeita às interações que ocorrem nos grupos nos quais está inserida. Esse é o âmbito que está em disputa pelos negacionistas: a suposição de que a ciência é tão somente uma construção cultural.

Segundo Merton,

“Ciência” é uma palavra enganosamente inconclusiva, que se refere a uma variedade de itens distintos, embora inter-relacionados entre si. É comumente usado para denotar:

- (1) um conjunto de métodos característicos por meio dos quais o conhecimento é certificado;
- (2) um estoque de conhecimento acumulado que se origina da aplicação desses métodos;

- (3) um conjunto de valores e costumes culturais que governam as atividades denominadas científicas; ou
- (4) qualquer combinação das três anteriores (MERTON, [1942] 2013, p. 182-3).

A compreensão dos fatos atrelados à ciência sobre os quais discorro nesse texto, procura se ligar ao item (3) apontado por Merton, pois acredito que é esse tipo de visão sobre o que é a ciência que se encontra atualmente no centro das disputas narrativas do contexto de pós-verdade. Para utilizar as palavras de Merton, “estamos preocupados aqui com a estrutura cultural da ciência, ou seja, com um aspecto limitado da ciência enquanto instituição” (MERTON, [1942] 2013, p. 183).

Consoante ao negacionismo,

Há vários tipos de negacionistas e negacionismos: há os por assim dizer independentes e há os que, por baixo do pano, são pagos por grandes corporações, pelas companhias de carvão, petróleo e gás para produzir artigos de jornal baseados em falsas pesquisas científicas. Mas há ainda um outro tipo de gente que, por motivos diferentes, ou “não aceita” a realidade das mudanças climáticas, ou aceita, mas “não tanto assim”. São pessoas até bem esclarecidas, que dizem frases como: “ah, nisso eu não posso acreditar”, “isso também não, aí já é demais”, “isso aí já é catastrofismo”, “Catastrofismo não” (DANOWSKI, 2012, p. 6).

Conforme Danowski, existem muitas formas de negar e também muitas razões para negar. No caso brasileiro, sobretudo no uso institucional da negação, esse mecanismo tem sido utilizado com a pretensão de afastar qualquer suspeição em relação ao Governo Federal e de constante justificativa para os erros de gestão facilmente identificáveis. Para a análise proposta aqui, estou considerando o atual governo brasileiro como centro do que estou chamando de negacionismo à brasileira.

Embora o negacionismo como fenômeno presente no Brasil seja bastante anterior à disputa eleitoral de 2018, defendo que com o advento do governo de J. M. Bolsonaro, setores do próprio Governo Federal passaram a liderar a narrativa negacionista brasileira, tornando o negacionismo em um discurso sistematizado e institucional¹⁹.

19 O marco fundamental dessa afirmação é a utilização de sistemas oficiais de comunicação, como os sites institucionais e os pronunciamentos públicos dos representantes do governo, para negar fenômenos como a mudança climática decorrente do aquecimento global, minimizar as milhares de mortes decorrentes da pandemia de coronavírus, dentre muitíssimas outras coisas (vide: publicações no site do Ministério das Relações Exteriores como a que pode ser consultada em <<<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/sem-categoria/20917-centenas-...mergencia-climatica-the-washington-times-30-de-setembro-de-2019>>> acesso em 4 de ago de 2020, “Centenas de engenheiros e cientistas declaram para a ONU: ‘Não há emergência climática’”, que nega a emergência climática; manifestações oficiais contrárias à divulgação por parte do Inpe de dados sobre queimadas na Amazônia, que teve como desfecho a exoneração de Ricardo Galvão; a recusa em cumprir os protocolos da OMS no início da pandemia; etc.) e, mais recentemente, as informações que compõem a CPI das Fake News, que tomou como alvo o “gabinete do ódio”.

O negacionismo no Brasil tem um implemento substancial com o acirramento da disputa eleitoral em 2018, ainda que lhe seja anterior. O então candidato do Partido Social Liberal – PSL, era um notável defensor do regime militar brasileiro – quando militares se apossaram do poder por meio de um golpe em 1964. O então extremista e deputado federal Bolsonaro, ficou conhecido nacionalmente por desafiar o bom senso, propondo uma revisão histórica da ditadura militar, da tortura e do desaparecimento de perseguidos políticos.

É correto dizer que propor uma revisão histórica desse período recente não foi nenhuma novidade por parte do então deputado, mas a tônica do discurso empreendido tinha algo de novo: ele não se importava em defender de forma aberta suas ideias, mesmo que fosse às custas do politicamente correto. Ademais, ele falava de forma agressiva e no lugar de argumentos que pudessem ser verificados, levantava sempre a dúvida acerca das razões do Estado Brasileiro em situações análogas ao terrorismo de Estado proposto pela ditadura militar. Num país que não costuma revisitar os fatos históricos de seu passado a fim de uma reflexão franca, sem cair no hábito de negar ou tentar minimizar os horrores praticados, o discurso bolsonarista caiu como uma luva para na mão dos que sempre alentam os sonhos de país amável e feliz por meio do esquecimento seletivo e que fundamentam o negacionismo da ditadura militar²⁰.

Com base no tipo de negação pretendido pelo presidente desde que ainda era deputado, ainda podemos adicionar que o negacionismo é uma forma de conceber o mundo a partir de um ponto de vista pouco crítico, que funciona colocando em suspeição qualquer tipo de conhecimento ao vinculá-lo a uma autoridade (geralmente velada). É como se o conhecimento científico não pudesse ser referência no que tange às explicações sobre o mundo, pois supostamente haveria uma autoridade implícita que coloca a ciência em suspeição; assim, a ciência não seria uma atividade honesta nem isenta, pois sempre haveria uma intenção de manipular as pessoas que nela acreditam.

[os negacionistas] argumentam que o Holocausto (e outros genocídios) nunca aconteceu, que a mudança climática antropogênica (causada pelo homem) é um mito, que a Aids ou não existe ou não está relacionada ao HIV, que a evolução é uma impossibilidade científica e que todo tipo de outras ortodoxias científicas e históricas devem ser rejeitadas (KAHN-HARRIS, 2018, n.p.).

Com base nesse tipo de raciocínio, se desdobram, ao menos, duas novas conclusões equivocadas. A primeira é que pouco importam os dados empíricos, pois a ciência se

20 O fenômeno que permitiu a eleição de J. M. Bolsonaro ainda é pauta de discussões acaloradas e pesquisas acadêmicas sérias, ainda sem pacificação no que tange ao assunto, mas concorda-se que o misto de pós-verdade e sentimento de medo que tomou a população brasileira contribuiu decisivamente para isso.

sustentaria em uma autoridade. Se se sustenta na autoridade, os dados (geralmente difíceis de compreender por um negacionista típico e, logo, descartados, simplificados ou tomados como sem importância) são menos relevantes do que o discurso em si, não importando se fazem ou não sentido. Você sabe, para contradizer hipóteses científicas é necessário compreender bem os dados utilizados e o fato é que nem sempre essa compreensão ocorre de forma adequada sem que uma pessoa tenha frequentado por muitos anos a educação formal²¹.

Além disso, se o discurso importa mais do que os dados que corroboram uma hipótese, a compreensão de uma hipótese não se dá no campo cognitivo, mas se torna uma tarefa desenvolvida no campo emocional, no qual a simpatia conta muito mais do que conclusões advindas de observações e deduções.

A segunda conclusão equivocada é que o conhecimento é relativo. Essa ideia se funda na concepção de que a realidade é individualizada. Sim, podemos aceitar que no campo dos valores as concepções seriam individualizadas e a partir daí indagar se seriam possíveis valores universais, mas não se pode compartimentalizar a realidade e supor que a gravidade funciona de forma diferente pra cada pessoa, ou que a Terra é plana porque se teria alguma espécie de direito de pensar dessa forma, por exemplo. A realidade não depende de forma exclusiva das crenças individuais; não é a nossa crença em determinado elemento que o torna real e verdadeiro.

Com base nessas duas conclusões, as condições para substituir qualquer explicação pelo simples ato de negar estão dadas. Em todas essas conclusões — que, vale lembrar, não encerram o conjunto de conclusões equivocadas — se compartilha uma desconfiança em relação à atividade científica e coloca-se em perspectiva a honradez das pessoas que exercem essa atividade ao apontar para a premência da autoridade em prejuízo dos dados.

Me parece claro que o negacionismo não se preocupa em contradizer hipóteses científicas com base em uma investigação séria e criteriosa, mas é tão somente uma tentativa de negar evidências com base em um sentimento que busca se fundamentar em conclusões equivocadas. Sentimento este que parece se desdobrar da seguinte forma: se há uma autoridade que trama secretamente e gasta rios de recursos (financeiros, tecnológicos, culturais, etc.) na construção de uma visão de mundo equivocada, ela só pode ser mal-intencionada.

O negacionismo não deve ser confundido com uma crítica bem-intencionada sobre a atividade científica. Pelo contrário, a crítica negacionista é uma forma de colocar a atividade

21 A distância entre o conhecimento científico e a compreensão do público em geral é um fenômeno que tem custado muito caro para a comunidade científica. Falarei sobre isso no próximo subtítulo desse artigo.

científica e o que é proveniente dela em suspeição. Esse ato de negar abre espaço para formas obscuras de descrever a realidade, nas quais a razão não significa nada em face da tola perspectiva pretendida pela compreensão negacionista da ciência.

O acúmulo desse tipo de conclusão precipitada e uma pitada de pós-verdade ajudam a naturalizar o ato de negar. Sim, é absurdo. Mas tem funcionado muito bem. As pessoas negam porque sentem medo. E temem por uma razão: elas desconhecem o verdadeiro funcionamento do conhecimento científico²².

Acerca do negacionismo, Dunker assevera que:

Uma nova expressão cognitiva ascende com um novo tipo de irracionalismo que conseguiu recolocar na pauta temas como: o criacionismo contra o darwiniano, a relatividade da “hipótese” do aquecimento global, a suspeita sobre a indução e o autismo por vacinas e tantas outras teorias mais ou menos conspiratórias diluídas por um novo estado da conversa em escala global, facultado de modo inédito pelas redes sociais. Neste novo suporte, as crenças mais estranhas e regressivas adquiriram uma espécie de *backing vocal* garantido (DUNKER, 2018, n.p.).

Essas hipóteses requeitadas são potencializadas pelo medo, que tem sido utilizado como método de manipulação há séculos. No Brasil do bolsonarismo esse uso não tem sido diferente. Alerto, mais uma vez, para o uso proposital dessa estratégia por parte do governo como mecanismo que na atual gestão tem feito parte da estrutura estatal.

O medo em conjunção com o negacionismo brasileiro tem servido de alicerce para o atual governo, que passa incólume mesmo depois de fracassos sucessivos nas medidas econômicas, um desmonte sistêmico das instituições de ensino e pesquisa do país e, mais recentemente, o decurso de uma necropolítica escancarada, que até aqui já deixou morrer mais de 130 mil brasileiras e brasileiros em virtude do que o presidente insiste em chamar de “uma gripezinha”.

No Brasil, o fenômeno da pós-verdade tem servido de mecanismo para possibilitar uma disputa de narrativas extremamente polarizadas, entre a ultradireita brasileira e setores ligados à esquerda. Na disputa de narrativas, de forma provisória, tem vencido a narrativa do medo, impulsionada, hoje é sabido, por complexos mecanismos de propagação de *fake news*.

Sobre isso, a política adotada desde as eleições por parte da ultradireita assemelha-se muito aos regimes fascistas. Segundo Jason Stanley, os políticos fascistas:

22 Importante frisar que pessoas que possuem um instrumental teórico que deveria ser suficiente para afastar qualquer manifestação negacionista também fazem, por vezes, uma defesa incondicional de teorias conspiratórias e negam fatos científicos. Isso é no mínimo curioso. Aparentemente, essas pessoas não compreenderam bem como a ciência funciona.

justificam suas ideias ao aniquilar um senso comum de história, criando um passado mítico para respaldar sua visão do presente. Eles reescrevem a compreensão geral da população sobre a realidade distorcendo a linguagem da idealização por meio da propaganda e promovendo o anti-intelectualismo, atacando universidades e sistemas educacionais que poderiam contestar suas ideias. Depois de um tempo, com essas técnicas, a política fascista acaba por criar um estado de irrealdade, em que as teorias da conspiração e as notícias falsas tomam o lugar do debate fundamentado (STANLEY, 2018, n.p.).

No caso brasileiro, o presidente da República tem se prestado a recriar um passado no qual poderíamos nos orgulhar dos atos mais espúrios praticados pelo Estado, como que refundando um patriotismo ingênuo como mote para uma espécie de nova forma de pensar o Brasil.

O implemento substancial do negacionismo a partir de 2018 também marca seu ápice. Muitas pessoas passaram a lidar da pior maneira possível com os erros históricos do passado, procurando uma nova retórica que os justifique ou, simplesmente, os negando. Hoje em dia é lugar comum a negação da ditadura militar, da escravidão negra, do machismo, do politicamente correto, do feminicídio, do extermínio das nações indígenas, etc. Ironicamente, os negacionistas também insistem em negar que estão negando²³.

As atrocidades praticadas pelo Estado Brasileiro, que deveriam servir de forma aberta e ampla para nossa memória como atroz exemplos de como NÃO devemos fazer, tem sido alvo de diversas tentativas de revisão histórica, de apagamento sistematizado, sonegação de informações, tudo sendo varrido pra debaixo do tapete do fascismo²⁴.

A educação tem um papel fundamental para orientar o diálogo com os fatos históricos e interpreta-los à luz da razão. Não à toa, para minar qualquer possibilidade de crítica ao revisionismo em curso, o negacionismo brasileiro tem buscado identificar professoras e professores como vilões do Brasil.

23 Em relação às injustiças e erros que me refiro no texto, considero que no Brasil, ainda não vivemos um período de comoção nacional advinda de uma profunda reflexão sobre as bases históricas brasileiras. Não encaramos de frente as origens das desigualdades sociais e de gênero em nosso país a fim de uma autocrítica e desenvolvimento amplo de políticas públicas capazes de remediar – perdoe-me o eufemismo – as profundas cicatrizes que existem no nosso tecido social. A escravidão negra, o genocídio dos povos indígenas, o colonialismo, a ditadura, o feminicídio, o machismo e a masculinidade tóxica, a pobreza extrema, a violência institucionalizada, só para citar alguns elementos, tendem a reaparecer e continuará assim até que consigamos compreender esses períodos históricos como erros violentos e pensemos as estratégias necessárias para lidar com todos os problemas que tem sido advindos desse conjunto.

24 Sobre a sonegação de dados, uma matéria interessante pode ser consultada em: NOVAES, M. Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes. Disponível em <<<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>>>. Acesso em 7 de jun 2020. A matéria trata do apagão proposto pelo Governo Federal sobre os dados de contágio do covid-19 e consegue mostrar bem o “espírito” negacionista desse governo.

A partir do contexto eleitoral de 2018 a atividade docente passou a ser alvo de constantes criminalizações por meio das ideias advindas da noção de que a escola é um espaço de doutrinação de esquerda. Do sentimento surgido dessa concepção equivocada – mais uma vez, causado pelo desconhecimento dos processos educacionais – surgiu o movimento pela “escola sem partido”²⁵.

A justificativa ideológica para esse movimento é que os inimigos também estariam nas escolas e universidades e agiriam livremente na construção de um mundo de esquerda, de gênero, contra a família, a religiosidade cristã e de estimulação sexual. Para tanto, o mecanismo utilizado por escolas e universidades seria, supostamente, a doutrinação.

Essa localização física tenta demonstrar que o inimigo é real, pois está contido num espaço e esse espaço está sob controle das pessoas que tratam diariamente dos filhos e filhas da nação. Essa localização permite outra percepção equivocada, que a família, núcleo duro da moral ultradireitista e conservadora, está sob ataque. Note que, normalmente, os inimigos propagados pelo negacionismo são ocultos, mas, no caso brasileiro, a localização e nomeação dos supostos inimigos é algo muito presente no discurso.

A localização de supostos inimigos gera um clima de desconfiança enorme, o acirramento das polarizações políticas e a consequente ideia radical do “nós contra eles”. Instiga também a defesa de valores cada vez mais conservadores. As falsas percepções colaboram para uma realidade paralela. Na esteira da falsificação que engendrou essa realidade paralela, as primeiras medidas discutidas foram, dentre outras, o *homeschooling* e as tentativas de reordenamento da forma de financiamento das instituições públicas de ensino²⁶.

Tornando o show de disparates ainda maior, o ministro das Relações Internacionais, Ernesto Araújo, tenta de forma insistente refundar as bases da epidemiologia, buscando atribuir a pandemia ao que ele chama de “projeto chinês” que tem por objetivo o “globalismo para o comunismo”. Para Araújo, o “projeto chinês” já vinha sendo implementado por meio do que ele chama de “climatismo” e “alarmismo climático”²⁷. Essas manifestações podem ser

25 Hoje em dia esse movimento parece estar mais contido, embora continue movimentando um secto inflamado. Existem sites focados na exploração do tema, que se propaga por meio de ataques e intimidação. Exemplo disso é o site escolasempartido.org, que se identifica como “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológico das escolas brasileiras”. Disponível em <<<https://www.escolasempartido.org/quem-somos/>>>. Acesso em 8 de ago 2020.

26 A respeito da percepção do Ministério da Educação sobre as universidades, veja uma matéria que consegue ilustrar bem essa visão: “Universidades com ‘balbúrdia’ terão verbas reduzidas, diz Weintraub”, Veja, 30 abr 2019. Disponível em: <<<https://veja.abril.com.br/brasil/universidades-com-balburdia-terao-verbas-reduzidas-diz-weintraub/>>>. Acesso em: 3 jun 2020. É notória a fixação pelo tema “educação” e como o bolsonarismo vê na educação um grande inimigo.

27 Cf. ALONSO, L. Em blog, Ernesto Araújo escreve que coronavírus desperta para ‘pesadelo comunista’”. Disponível em <<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/em-blog-ernesto-araujo-escreve-que-corona-virus-desperta-para-pesadelo-comunista.shtml>>>. Acesso em: 7 de jun 2020.

observadas, inclusive, no site do Ministério das Relações Exteriores, configurando um tipo de uso incomum dos canais oficiais do Governo Federal.

Na esteira do negacionismo, o governo brasileiro parece tentar engendrar uma nova espécie de ciência, que tenha como princípio o nacionalismo e que defenda a qualquer custo uma imagem internacional positiva, mesmo que pautada na negação científica e às custas da manipulação de dados. Esse parece ser o tiro de misericórdia que o bolsonarismo tenta dar na ciência: fazer com que os brasileiros e brasileiras passem a pensar que a ciência brasileira não é nacionalista e, portanto, está traindo a pátria ao tornar públicos dados que não são positivos para a nação.

O negacionismo à brasileira vai muito além de deixar fatos subentendidos, pois localiza o inimigo. Em algumas ocasiões o inimigo é o comunismo, em outras o PT; há ainda o inimigo como sendo a velha política, as minorias, o Congresso, o STF; a lista é extensa. Muitos inimigos são professores e às vezes até mesmo um busto na frente de um ministério também pode ser²⁸. A escola é a inimiga; a universidade, ainda mais. Às vezes é a imprensa, outras vezes é a ciência.

O verdadeiro inimigo do negacionismo à brasileira é o debate que explora o que há de contraditório na política nacional, sobretudo do governo e de seus aliados; qualquer discurso que se proponha à análise contextual dos atos praticados pelo Governo Federal é um inimigo em potencial. Os ataques são institucionais, pois vale-se da comunicação oficial e dos novos meios atrelados a ela para atacar e negar. O negacionismo à brasileira é, portanto, o negacionismo institucionalizado.

Revisitando os valores iluministas contra a pós-verdade e o negacionismo à brasileira

O ano de 2018 também marca o momento em que reações contrárias aos discursos obscurantistas passaram a ser localizadas e difundidas com maior abundância e de forma mais consistente. Ainda que hoje em dia o quadro geral não seja totalmente animador, a partir de 2018 o medo passou a dar lugar à esperança de dias melhores e diversas mobilizações passaram a ser organizadas contra a onda fascista que tomou o país²⁹.

28 Em uma entrevista como ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, além de afirmar que, ao viajar, “o brasileiro é um canibal” e que “rouba coisas dos hotéis”, também falou de uma “faxina ideológica”, na qual poderia trocar o busto de Paulo Freire, que fica em frente a entrada do MEC, por uma do astrólogo e caçador de patos que vive nos EUA, Olavo de Carvalho. Disponível em <<<https://veja.abril.com.br/revista-veja/faxina-ideologica/>>>. Acesso em 8 de ago 2020.

29 As formas de organização e reação ao bolsonarismo têm sido muito diversas. Sobre a pauta, livros têm sido publicados, comunidades virtuais estão sendo criadas, sistemas de verificação de informações em combate às

Em decorrência dos constantes atentados contra a razão observados mundialmente, Steven Pinker (2018) escreveu o livro *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. Na introdução de seu livro, ele fala sobre a diversidade de perguntas que já lhe foram feitas ao longo de suas palestras e, com surpresa, faz um breve relato sobre “a pergunta mais instigante” que já teve que responder. Ele se refere à pergunta “Por que eu devo viver?” feita por uma de suas espectadoras. Para Pinker “No próprio ato de fazer essa pergunta você está buscando *razões* para suas convicções, portanto está comprometida com a razão como o meio para descobrir e justificar o que é importante para você” (PINKER, 2018, n.p.).

A razão é apresentada por Pinker como um compromisso que devemos ter e ir em defesa, principalmente em tempos como os que vivemos. Parece que na geração em que vivemos, a razão não é algo importante, pois não se sabe as custas que a humanidade teve que arcar para que ela fosse um princípio norteador, porque, sim, a humanidade viveu períodos em que a razão deixou de ter centralidade na construção do conhecimento. Por isso, segundo Pinker,

[...] Mais do que nunca, os ideais da razão, da ciência, do humanismo e do progresso necessitam de uma defesa entusiasmada. Não damos o devido valor às suas benesses: recém-nascidos que viverão por mais de oito décadas, mercados abarrotados de alimentos, água limpa que surge com um movimento dos dedos, dejetos que desaparecem com outro, comprimidos que debelam uma infecção dolorosa, filhos que não são mandados para a guerra, filhas que podem andar na rua em segurança, críticos de poderosos que não são presos ou fuzilados, o conhecimento e a cultura mundiais disponíveis no bolso da camisa. Mas tudo isso são realizações humanas, e não direitos cósmicos inatos. Na memória de muitos leitores deste livro – e na experiência de pessoas em partes menos afortunadas do planeta –, guerra, carestia, doença, ignorância e ameaça letal são uma parte natural da existência. Sabemos que países podem regredir a essas condições primitivas, portanto é um perigo não darmos o devido valor às realizações do Iluminismo (PINKER, 2018, n.p.).

A razão está em jogo. Nos tempos da pós-verdade, os negacionistas, que encontraram um lugar especialmente privilegiado na realidade brasileira, na centralidade do Poder Executivo Brasileiro, procuram fazer uma ampla revisão dos valores iluministas³⁰.

fake news implementados; também: dismantling de redes de influenciadores pró-fascismo, organização de *slams*, fortalecimento de coletivos feministas, conscientizações em relação à precarização do trabalho, percepção de fenômenos como a uberização, resistência às intervenções do governo nas instituições federais de ensino, debates sobre a função do Estado, só para citar algumas iniciativas. O livro de Rosana Pinheiro-Machado *Amanhã vai ser maior* faz uma narrativa animadora de como temos resistido ao fantasma do fascismo. Some-se a isso a possibilidade de um autogolpe que está no horizonte, mas que tem sido combatido pela resistência desses movimentos e as máscaras do regime bolsonarista que estão cada vez mais no chão. Óbvio que o fascismo é sempre a próxima fronteira para o agravamento da barbárie que vivemos e, por isso, um autogolpe não pode ser descartado.

³⁰ Para Pinker, se convencionou a situar historicamente o Iluminismo no contexto das amplas discussões sobre a

Os valores iluministas são aqueles derivados do “ideal secular”, e que foram se desenvolvendo ao longo do tempo. Yuval Harari fala desse ideal por meio de compromissos. Segundo ele,

O compromisso secular mais importante é com a verdade, que se baseia em observação e evidência e não na fé. Os seculares esforçam-se para não confundir verdade com crença. Se você tem uma crença muito forte numa narrativa, isso pode revelar muitas coisas interessantes sobre a sua psicologia, sua infância e sua estrutura cerebral – mas não prova que essa narrativa é verdadeira (HARARI, 2018, n.p.).

Como podemos deduzir, dentre os temas apontados por Harari o mais importante tem sido, desde o Iluminismo, a razão, de tal forma que pensar sem que tenhamos como baliza a razão seria um retrocesso.

O negacionismo à brasileira, representa esse retrocesso, que, além de tudo, ainda pretende um revisionismo histórico sob o critério de procurar justificar os piores erros históricos cometidos no passado. Como já afirmei anteriormente em relação ao negacionismo e sua institucionalidade, o revisionismo também ocupa lugar de destaque no Planalto Central e tem sido manifestado cotidianamente pelas falas dos principais representantes dos poderes constituídos, em especial, os do poder executivo. Como observa um comentarista:

Em grande medida, as falas revisionistas de Bolsonaro, negando fatos sobre a ditadura militar ou alardeando uma “ameaça comunista”, têm origem em Olavo de Carvalho, um dos responsáveis por importar e reembalar teorias conspiratórias norte-americanas. [...] ele foi consolidando, em círculos marginais sem qualquer reconhecimento acadêmico, uma reputação como filósofo conservador, negando o legado do Iluminismo, da ciência moderna e dos valores democráticos decorrentes da Revolução Francesa (BUGALHO, 2020, n.p.).

Ilustrando como a razão está sob ataque nos solos brasileiros, permita-me retomar um acontecimento que segue me intrigando. Tendo como pano de fundo o contexto dos contingenciamentos dos investimentos em educação, propostos pelo então ministro Abraham Weintraub, foi fixada na sede da Reitoria da Universidade Federal do Paraná uma faixa com os dizeres: “EM DEFESA DA EDUCAÇÃO #OrgulhoDeSerUFPR #UniversidadePública #EuDefendo”. É uma faixa absolutamente necessária hoje em dia e quem, em plena consciência, poderia se achar no direito de discordar da defesa da educação?

condição humana a partir de seus mais diferentes aspectos, no período histórico que compreende “os dois últimos terços do século XVIII, embora tenha brotado da Revolução Científica e da Idade da Razão no século XVII e extravasado para o apogeu do liberalismo clássico na primeira metade do século XIX (2018, n.p.)”. Durante esse período, a centralidade do debate foi tomada pelos temas “razão, ciência, humanismo e progresso”.

Parece despautério (e de fato foi), mas manifestantes vestidos pró-Bolsonaro arrancaram a referida faixa no dia 26 de maio de 2019, sob o argumento de que “prédios públicos não são espaços para propaganda ideológica”. Como assim? Como uma faixa pode ser motivo para tanto ódio e servir de justificativa para uma compreensão absurda da realidade, na qual uma faixa denota que um prédio público foi “ideologizado”? A manifestação e a retirada da faixa parecem assinalar bem os caminhos percorridos quando valores racionais são substituídos pelo obscurantismo negacionista.

Pinker questiona “Quem poderia ser contra a razão, a ciência, o humanismo ou o progresso?” e acrescenta:

Desde os anos 1960, a confiança nas instituições da modernidade despencou, e a segunda década do século XXI viu a ascensão de movimentos populistas que repudiam com estardalhaço os ideais do Iluminismo. Eles são tribelistas em vez de cosmopolitas, autoritários em vez de respeitar o conhecimento e têm saudades de um passado idílico em vez de esperança em um futuro melhor (PINKER, 2018, n.p.).

Os movimentos aos quais Pinker se refere, no Brasil tiveram um salto gigantesco a partir de 2016. Não por coincidência, no mesmo contexto que a militância *on-line* pró-golpe desenvolveu por meio do discurso de ódio as condições estruturais para a crise que vivemos hoje³¹.

As respostas contra a onda da pós-verdade podem ser obtidas pelo fortalecimento da educação e pela popularização do saber científico, considerando que a atividade científica como resultante do fortalecimento das ações da educação está em consonância com os temas centrais do Iluminismo.

Nesse ínterim convêm lembrar o que Merton menciona como elementos constituintes da atividade científica, os quais podemos compreender como ligados aos valores iluministas. Para Merton, os comportamentos comuns da atividade científica estão analisados sob a ótica do *éthos* científico. Esse *éthos* é composto pelos elementos: universalismo, comunismo, desinteresse e ceticismo organizado. Vejamos:

O universalismo encontra expressão imediata no cânone de que as alegações de verdade, de qualquer que seja a fonte, devem ser submetidas a critérios impessoais preestabelecidos: consoante com a observação e com o conhecimento anteriormente confirmado. A aceitação ou rejeição das alegações que são consideradas científicas

31 Um conjunto de relatos nesse sentido podem ser lidos em *O ódio como política*, livro organizado por Esther Solano. No livro, destacam-se as análises sobre os conceitos de “nova direita”, “onda conservadora”, “reacionarismo”, “neoconservadorismo” e “fascismo”. É uma análise possível de como a popularidade do então candidato a presidente J. M. Bolsonaro cresceu à medida que os temas anti-racionalistas foram sendo ampliados e acolhidos pelo debate público.

não deve depender de atributos pessoais ou sociais de seus protagonistas, sua raça, nacionalidade, religião, classe e qualidades pessoais são irrelevantes.

[...]

O caráter comunal da ciência reflete-se no reconhecimento dos cientistas de sua dependência de uma herança cultural em relação à qual não há direitos diferenciais. O comentário de Newton – “se pude ver mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes” – expressa simultaneamente um senso de dívida para com a herança comum e um reconhecimento da qualidade essencialmente cooperativa e cumulativa da realização científica.

[...]

A demanda por desinteresse tem uma base firme no caráter público e testável da ciência e pode-se supor que essa circunstância tem contribuído para a integridade dos homens de ciência.

[...]

[o ceticismo organizado] é um mandato tanto metodológico como institucional. A suspensão do julgamento até “que os fatos estejam à mão” e o escrutínio imparcial de crenças em termos de critérios empíricos e lógicos têm periodicamente envolvido a ciência em conflitos com outras instituições (MERTON, [1942] 2013, p. 186-97).

As características apontadas por Merton tentam demonstrar que no *fazer científico* há que se ter um constante fluxo de pensar o *para quê* e o *como* da ciência. Ele apresenta a atividade científica como dotada de base histórica e social e tenta mostrar que a finalidade da ciência é o avanço nas questões importantes para uma sociedade. Essa dimensão apresenta a ciência como um conhecimento comprometido com a sociedade – não contrária à sociedade, como tentam nos fazer entender os negacionistas.

Diante da noção apresentada por Merton, podemos compreender que a atividade científica não produz um conhecimento estanque, mas, pelo contrário, um conhecimento que pode estar em constante movimento. Isso quer dizer que as certezas científicas não são absolutas, posto que as hipóteses, mesmo tendo sido verificadas, estão sempre sujeitas à melhores observações e conclusões.

Melhores observações colaboram para o processo de esclarecimento dos objetos em análise, pois trazem novos elementos à investigação. Esse processo faz com que a ciência não tenha como objetivo fornecer um conhecimento absoluto e final. Essa é uma das características que torna o conhecimento científico seguro, pois a provisoriedade dos resultados científicos permite que haja espaço para a discordância qualificada e que melhores conclusões possam ser tomadas sobre um conjunto de dados em discussão. As conclusões científicas, portanto, são, em tese, melhores à medida que há maior participação da comunidade científica.

Por ignorância de como a atividade científica funciona, uma pessoa desavisada talvez presuma, equivocadamente, que não ter uma certeza absoluta seja uma grande fraqueza dos resultados das investigações científicas. Contudo, a característica da provisoriedade de suas

conclusões é um dos grandes méritos da ciência, pois ao estar sempre aberta à crítica construtiva, está limitada à capacidade humana (e não a algum saber iniciático ou divino) a responsabilidade de dizer o que se sabe sobre como as coisas são e como elas não são, tornando muito menor o peso que alguma autoridade oculta poderia exercer. Se o conhecimento científico fosse, ao contrário, espaço exclusivo de iniciados e adquirido por meio de revelações sobrenaturais, aí sim, uma pretensa autoridade infalível estaria sempre presente³².

Penso que essa capacidade, de substituir conhecimentos estabelecidas por outras explicações mais bem fundamentadas, ao longo do tempo tenha colaborado para gerar a falsa sensação de que hipóteses científicas, pela sua provisoriedade, sejam meras opiniões.

Ao invés de darmos respostas a esse tipo de conclusão, tornando a ciência uma atividade cada vez mais aberta, parece que começamos a falhar, atribuindo à ciência uma responsabilidade maior do que lhe era conveniente e tornando o acesso aos espaços de discussão científica cada vez menos democráticos.

Aos poucos, as disciplinas científicas foram ficando tão esotéricas, tão restritas a poucos ouvintes, tão herméticas, que o grande público ficou alheio aos debates. Some-se a isso a falta de universalização do acesso ao conhecimento formal e o implemento de algo como uma elite do pensamento, formada por certo culto à personalidade e a crença equivocada de que somente alguns gênios conseguiriam compreender toda a matemática e as equações complicadas que servem para revelar as complexidades do multiverso.

Nossas percepções sobre as questões científicas foram se modificando para a noção de que os resultados da atividade científica são tão complexos que as pessoas que estão fora da academia já não se sentiam incluídas. Foi aí que passaram a discordar e inventar suas próprias explicações para o mundo? A questão me parece relevante, pois a crescente onda da pós-verdade também pode ser compreendida como uma tentativa de tomar parte no diálogo científico, mesmo que seja com uma bairta falta de rigor metodológico.

Ainda que as formas de acesso tenham se alargado nas últimas décadas, apenas nos últimos anos a educação superior e o trabalho com pesquisas científicas avançou alguns passos em direção à universalização de seu acesso. Embora mais acessível que há 20 anos, ainda hoje o acesso a uma universidade em nosso país é bastante restrito.

32 Precisamos estar alertas quanto à capacidade do conhecimento científico poder ser capturado por interesses que fogem ao âmbito do conhecimento, haja vista ser coerente pensar o conhecimento científico em suas relações de poder. Ainda assim, não há alternativa melhor que o método científico para inquirir essas possibilidades.

Em contrapartida, as novas plataformas virtuais, como Youtube e Facebook, parecem ter ocupado a lacuna deixada pela falta de democratização das vias formais de produção de conhecimento. É certo que as plataformas virtuais potencializaram a difusão do conhecimento academicamente estruturado, mas também a autopromoção de discursos mais familiares ao grande público, que, infelizmente, tem se identificado mais com os discursos de ódio e com o negacionismo em geral do que com o campo das investigações científicas.

No lugar dos especialistas, as pessoas afetadas emocionalmente pelas crenças corroboradas pela pós-verdade passaram a dar ouvidos aos *influencers*. Diferente dos cientistas, *influencers* conseguem manter canais abertos de comunicação com a grande massa e, muitos, apresentam formas enviesadas de análise, que são aceitas com certa facilidade pelo público menos acostumado a ter reflexões mais críticas.

Pelo acesso aos meios digitais, cada pessoa está menos distante de manifestar suas opiniões, muitas delas descabidas, imprecisas e passionais, mas que servem para inflamar espectadores contra algumas pautas e colaboram de forma negativa para o debate público. É como se, aos poucos, a verdade tivesse ficado cada vez mais no passado e menos necessária, abrindo margem para explicações com base nos sentimentos em detrimento da razão.

No mundo dos influenciadores digitais, a qualidade e a veracidade do conteúdo parecem não ser o mais importante; o que conta mesmo é a quantidade de seguidores e de curtidas que um influenciador possui. O número de seguidores de uma pessoa poderia induzir o grau de confiabilidade que possui seu discurso? No campo formal dos argumentos e da investigação científica, claro que não; mas, em relação à quantidade de pessoas que legitimam o discurso, tem funcionado para o público em geral.

Some-se a esse fenômeno o fato de que no mercado capitalista, seguidores também são um produto disponível para compra³³. Para Evgeny Morozov, “O modelo de negócios da Big Tech funciona de tal maneira que deixa de ser relevante se as mensagens disseminadas são verdadeiras ou falsas. Tudo o que importa é se elas viralizam [...]” sendo assim, no universo da pós-verdade, “Verdade é o que gera mais visualizações. Sob a ótica das plataformas digitais, as *fake news* são apenas as notícias mais lucrativas” (MOROZOV, 2018, p. 11).

33 Em rápida pesquisa realizada no buscador mais popular da internet com o termo “compra de seguidores”, é possível verificar a existência de muitos sites especializados nesse tipo de comércio. A pesquisa retornou termos como “turbine seu perfil”, “mais engajamento e mais vendas”, “bombe seu perfil”, “turbine seu crescimento”, etc. É curioso notar que a compra de seguidores é vendida nesse tipo de site como uma “atitude empreendedora” para dar visibilidade a perfis de redes sociais, e não como uma forma de supervalorizar o perfil, lhes atribuindo uma espécie de autoridade decorrente da quantidade de seguidores. Esse tipo de comércio se alinha com a percepção de que quanto maior o número de seguidores, melhor seria a condição de representatividade das ideias/produtos destacados pelo perfil.

Esse quadro geral colabora de forma marcante para que o negacionismo tenha se tornado tão presente nas formas dos discursos afetados pelo fenômeno da pós-verdade. Contra a pós-verdade e o negacionismo, a secularização do conhecimento é essencial e a ciência tem um papel importantíssimo a cumprir. A produção de conhecimento científico serve bem aos ideais seculares advindos do Iluminismo e é a ferramenta para a explicação da realidade mais coerente que temos. Resta sua universalização.

Em certa medida, a universalização do acesso à educação não é, por si só, garantia de que no futuro a pós-verdade e o negacionismo não tenham espaço no debate público. Digo isso porque, em boa medida, pessoas que tiveram acesso ao conhecimento científico e à educação formal em níveis altos de especialização, resolveram, por opção, apoiar projetos obscurantistas e a própria institucionalização do negacionismo. Contudo, o que nos resta senão amplificar ainda mais o acesso ao conhecimento científico a fim de que equívocos sejam evitados? É necessário todo esforço para respondermos essa pergunta, tendo em mente que contra o negacionismo, os valores seculares são cada dia mais prementes.

Considerações finais

A análise do negacionismo como elemento que ganha força como fenômeno da pós-verdade em oposição aos valores seculares herdados do Iluminismo, nos mostra que há um tortuoso plano institucionalizado em curso. Esse plano tem empurrado a sociedade brasileira para um retorno ao obscurantismo e em direção ao totalitarismo.

Acredito que muitas frentes de combate e resistência precisam ser erigidas em oposição ao obscurantismo e outras fortalecidas. É necessário que pensemos sobre nosso passado, apontando criticamente cada erro e opressão cometidos. Esse olhar deve permitir que as injustiças históricas sejam concertadas e que nosso presente seja inclusivo, acolhedor e transformador.

Um dos caminhos que precisamos trilhar é o de popularização do conhecimento científico e acesso às formas críticas de pensar o mundo. É um esforço em tornar os espaços de produção acadêmica menos herméticos e capazes de cumprir sua função social e emancipatória. Acredito que essa é uma forma de, no longo prazo, ajudar as pessoas a compreenderem a importância do pensar de forma racional e inviabilizar futuras ondas tão perigosas como as próprias da pós-verdade.

Os valores iluministas nunca foram tão necessários no Brasil, pois o quadro que é desenhado é cada vez mais de uma grande revisão histórica que tem como etapa posterior um regime fascista.

Enquanto a suposição de que a verdade é uma narrativa em disputa for engendrada de forma tão perversa e tão intrínseca por grupos organizados e de forma tão escancaradamente institucional, precisaremos resistir e mostrar o quanto temos a perder. É cada vez mais crucial irmos em defesa do secularismo, e para isso precisamos voltar a ter a verdade como norte, para que na disputa entre pós-verdade e ciência no Brasil do negacionismo, vença a ciência.

Referências bibliográficas

ALONSO, Lucas. *Em blog, Ernesto Araújo escreve que coronavírus desperta para 'pesadelo comunista'*. Disponível em <<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/em-blog-ernesto-araujo-escreve-que-coronavirus-desperta-para-pesadelo-comunista.shtml>>>. Acesso em: 7 de jun 2020.

BUGALHO, Henry. *Minha especialidade é matar: como o bolsonarismo tomou conta do Brasil*. [s.l.]: [s.n], 2020.

CASTRO, Gabriel; VIEIRA, Maria Clara. *Faxina ideológica: O ministro da Educação diz que o sistema de cotas deve acabar, defende a volta da educação moral e cívica e mensalidade nas universidades federais*. Disponível em <<<https://veja.abril.com.br/revista-veja/faxina-ideologica/>>>. Acesso em 8 de ago 2020.

DANOWSKI, Débora. *O hiperrealismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo*. Disponível em << <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n70.html>>>. Acesso em 4 de ago 2020.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Yuval Noah. *Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KAHN-HARRIS, Keith. *Denialism: what drives people to reject the truth*. Disponível em <<https://www.theguardian.com/news/2018/aug/03/denialism-what-drives-people-to-reject-the-truth>>>. Acesso em 2 de ago 2020.

MCINTYRE, Lee C. *The Scientific Attitude: defending science from denial, fraud, and pseudoscience*. Cambridge: The MIT Press, 2019.

MERTON, Robert K. A ciência e a estrutura social democrática. In: *Ensaio de sociologia da ciência*. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia/Editora 34, [1942] 2013.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NOVAES, Marina. *Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes*. Disponível em <<<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>>>. Acesso em 7 de jun 2020.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã vai ser maior – O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PINKER, Steven. *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOLANO, Esther (Org.). *O ódio como política – a reinvenção das diretas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

RICHARDSON, Valerie. *Centenas de engenheiros e cientistas declaram para a ONU: “Não há emergência climática”*. Disponível em <<<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/sem-categoria/20917-centenas-...mergencia-climatica-the-washington-times-30-de-setembro-de-2019>>>. Acesso em 4 de ago de 2020.

VEJA. *Universidades com “balbúrdia” terão verbas reduzidas, diz Weintraub*. Disponível em <<<https://veja.abril.com.br/brasil/universidades-com-balburdia-terao-verbas-reduzidas-diz-weintraub/>>>. Acesso em: 3 de jun 2020.